

Acreditar no amor. O elo entre o apelo humano e o dom divino



Estudos

www.fatima.pt/documentacao

PALMA, Alexandre – Acreditar no amor: o elo entre o apelo humano e o dom divino. Em VAZ, Carla Abreu, coord. – *Envolvidos no amor de Deus pelo mundo: Itinerário Temático do Centenário das Aparições de Fátima: 4.º ciclo*. Fátima: Santuário de Fátima, 2013. p. 29-40.

Alexandre Palma

A associação entre fé e amor talvez não resulte tão espontânea quanto deveria, mesmo entre crentes. É, contudo, assim que a recente encíclica *Lumen Fidei* começa por situar a questão da fé: «Acreditamos no amor» (cf. 1Jo 4,16)¹. Esta paráfrase de São João dá o tom e o título ao seu sumário sobre o amor ao longo da Sagrada Escritura. Trata-se de um esforço para perceber o que é a fé, mais atento aos modos concretos de se ser crente do que à procura de definições mais ou menos abstratas do que isso seja. Tal modo de proceder corresponde à forma como a própria Bíblia fala acerca da fé: preferencialmente, narrando vidas e gestos de crentes; de crentes individualmente considerados, mas também como Povo crente. Ainda hoje, esta via da realidade, ou seja, a via da atenção à fé a acontecer, parece ser a mais apta para nos introduzir na «ideia da fé»² e na sua inesgotável e complexa riqueza.

Creio que essa associação entre fé e amor fica muito bem resumida na expressão «acreditar no amor». Por isso, à semelhança do que ocorre na referida encíclica, ela dá título a este pequeno artigo e gostaria ainda que ela lhe desse também o tom. A expressão parece particularmente feliz para dar notícia do que é a fé cristãmente entendida. Nela valorizo, em especial, a sua fecunda ambiguidade. Com efeito, ela pode ser entendida em dois sentidos distintos. Ou melhor, ela deve ser entendida em dois sentidos distintos, sem se ceder à tentação de privilegiar um e anular o outro.

Por um lado, nela sugere-se que o amor é o objeto do ato crente. Ele parece ser a resposta à pergunta: em que é que se crê? Crê-se no amor. Ora esta é já uma afirmação de longuíssimo alcance. Perante tal pergunta, talvez fôssemos levados a ensaiar respostas mais canónicas: em Deus, em Jesus, na Igreja, nos seus dogmas; certamente, respostas válidas. Contudo, quando reinterpretadas a partir do «acreditar no amor», essas respostas adquirem um sentido novo. Sob esta luz percebe-se ainda

¹ Cf. *Lumen Fidei*, 8-22.

² Jogo, de modo intencional, com o título da obra: P. Sequeri: *A ideia da fé*.

melhor que a fé cristã não crê genericamente em Deus, mas especificamente no Deus Amor. Não crê genericamente em Jesus, mas especificamente n'Ele como o Filho que é rosto amoroso do Pai. Não crê genericamente na Igreja e nos seus dogmas, mas crê neles enquanto mediações concretas desse Deus amor e veículos eficazes para crescer no amor a Ele e ao próximo. Por isso, afirmar que «acreditamos no amor» implica redefinir o objeto na nossa fé, porque implica redescobrir quem é Aquele a quem o crente cristão confia o seu viver. Assim sendo, o objeto da fé cristã não é objetivável. Ao limite, não é sequer um objeto. É um alguém. E o amor é sempre o elo que nos traz unidos a Ele.

Por outro lado, esta expressão descreve também a atmosfera do próprio ato crente. O amor não é apenas o horizonte da fé cristã. O amor é também o ambiente em que a fé nasce e pode nascer; em que a fé cresce e pode crescer; em que a fé alcança e pode alcançar a sua plenitude. «Acreditar no amor» significa também que o amor é ainda o contexto em que o despertar e o viver crente acontecem. O amor é, pois, o habitat da fé e o *húmus* da fé; o meio e o alimento da fé. Também este segundo sentido da paráfrase joanina está cheio de consequências. Sendo isto verdade, então aqui encontramos uma preciosa indicação do que a Igreja é e/ou deve ser se quiser ser essa comunidade crente que faz acontecer hoje o mesmo que acontecia em quem se encontrava com Jesus. Nela encontramos também uma indicação capital para o grande desafio da transmissão da fé, tarefa particularmente exigente em tempos em que as modalidades clássicas dessa transmissão parecem ter perdido muito da sua força. «Acreditar no amor» significa, portanto, que o amor é uma espécie de condição de possibilidade da fé cristã. É nele que a fé acontece.

Reler o que é a fé à luz do amor é, pois, o objetivo desta reflexão. Podê-la-ia descrever também como uma aproximação afetiva ao ato de fé³. Não creio que este seja um tipo de abordagem que só toque marginalmente o essencial da fé cristã. Ela não é um mero exercício diletante de teólogos. Pelo contrário, declinar num tal registo a dinâmica crente é tocar-lhe o seu núcleo mais íntimo. Como bem recorda a encíclica, é no amor que acreditamos. Torna-se, por isso, imperioso levar muito a sério tal afirmação e levá-la ao extremo das suas consequências para o nosso entendimento e experiência da fé. É neste sentido que ensaio aqui uma pequena reflexão sobre a fé e o amor. Fá-lo-ei, de seguida, procurando desenvolver algo do que até aqui já se foi sugerindo, referindo nomeadamente: 1. como os gestos de acreditar e de amar se encontram radicalmente inscritos na condição humana; 2. como o Deus amor, simultaneamente, interpela e responde a essa mesma condição, confirmando o amor como aquela única realidade digna de fé; 3. como o amor é o meio onde a fé é possível de acontecer; e 4. como o amor é o grande pedagogo da fé e, portanto, o grande veículo na transmissão da fé e na iniciação crente.

3 Para um aprofundado tratamento da fé sob este prisma: J. Frazão Correia, *A fé vive de afeto*.

1. UM DOM CONFIÁVEL: A FÉ QUE DESABROCHA COM A VIDA

A fé, como o amor, é um dinamismo radicalmente humano. Durante demasiado tempo fomos levados a pensar que ser crente era uma forma de alienação, que serviria de falsa escapatória da vida presente para a vida futura; da vida terrestre para a vida celeste. Esmagados pelos dramas da nossa condição humana, a fé religiosa surgiria como a resposta que confortava o desalento humano, prometendo para o *além* a felicidade que nos era negada na vida *aquém*. A fé mais não seria, então, que a projeção para a eternidade e para a esfera do divino de legítimas aspirações históricas e humanas nunca satisfeitas. Daí que alguns⁴ vissem na fé em Deus uma fuga alienada dos dramas da nossa condição presente, fuga essa que impediria o nosso compromisso com a superação desses dramas e com a correção das suas causas históricas. Talvez esta visão da questão esteja em grande medida ultrapassada. Todavia, ela deixou as suas marcas. A mais significativa será, porventura, a impressão (com certeza mais inconsciente que consciente) de que acreditar é algo que nos diminui na nossa condição humana.

Mais dos nossos dias será a impressão de que acreditar (ou não acreditar) é uma espécie de opcional da vida humana. Algo que podemos ter, tal como podemos não ter; como se houvesse humanidade onde o dinamismo de acreditar pudesse estar alguma vez de todo ausente! Claro está que essa forma de olhar a fé volta-se especificamente para a fé religiosa, para a fé em Deus. Dir-se-á que é esse tipo muito específico de crença que está em causa quando se olha a fé como um optativo da vida humana. De facto, assim é. Dir-se-á ainda que qualquer fé religiosa requer um ato de vontade e, portanto, uma opção humana consciente. Novamente, importa reconhecer que assim é. Todavia, este modo excessivamente privatizado de olhar a fé tende a cometer o erro de separar (e já não apenas distinguir) a crença religiosa das demais formas humanas de crer; como se as duas seguissem lógicas completamente diferentes; como se as duas não se esclarecessem uma à outra; Como se as duas não manifestassem a mesma realidade: que o Homem é um ser crente.

Importa, pois, regressar à afirmação de que a fé é um dinamismo radicalmente humano. Talvez seja útil começar pelo próprio começo da vida humana. Ainda que em germe, aí despontam já muitos (senão mesmos todos) dos dinamismos que nos distinguem como humanos.

Podemos descortinar um primeiro andamento inscrito no nosso vir a este mundo: nascemos para nós mesmos no encontro com o outro. Sem este encontro não se dá essa descoberta de nós próprios. Reinterpretando São João no seu *Prólogo*, poder-se-á dizer que no princípio está a relação. Com efeito, antes de saber quem somos, antes de tomarmos consciência do que somos, dá-se o encontro com o universo que nos rodeia. É assim que vimos ao ser e que vimos a ser. Não podemos recuar até às nossas primeiríssimas impressões neste mundo. Mas, com um breve exercício de dedução, podemos

⁴ Em *Assim falava Zaratustra*, F. Nietzsche ilustra como poucos esta perspetiva: «Eu vos conjuro, meus irmãos: permaneci fiéis aos bens desta terra e não acrediteis em quem vos fala de esperanças celestes». Poderia ainda referir como exemplos deste entendimento da fé autores como L. Feuerbach, ou K. Marx.

chegar à conclusão de que a luz e o toque estarão, com alguma probabilidade, no cerne desse nosso primeiro encontro com este mundo. Ambos sinalizam o contraste entre este novo mundo e o nosso anterior habitat intrauterino. Quando nascemos, num repente, somos lançados num oceano de luz que nos encanta, mas que também nos afeta. Um clarão que, ao início, nos encandeia, mas que depois nos permite ver. Da escuridão para a luz; de uma certa cegueira para a visão. Assim vimos ao mundo, envoltos por uma realidade radiosa que ora nos impressiona ora nos deslumbra.

Já na vida intrauterina nos fomos relacionando com este mundo novo. Já fomos escutando os seus primeiros sons. Sobretudo, fomos nos afeiçoando ao timbre da voz materna. Nascemos, pois, já rotinados em algumas realidades deste mundo. Contudo, só quando nascemos nos podemos sentir verdadeiramente tocados por alguém. Só então nos é dado sentir o corpo do outro contra o nosso. O calor do seu afeto traduzido num abraço, num beijo, numa carícia. O colo da mãe torna-se o lugar onde primeiro se está em casa. Isto torna-se, tão depressa quanto possível, uma certeza de vida: ali está o nosso lar. Gestos quentes que nos aquecem e impressionam mais que a luz que nos inunda a visão. Com o nascer vem essa experiência de sermos tocados; experiência nova que depressa se torna expressão corpórea de uma certeza ainda mais fundamental: nascemos amados.

Nascemos, portanto, sempre no encontro. No encontro com um mundo que, como Deus, de «todos os lados nos envolve» (cf. Sl 139,5). No encontro com um outro que nos eleva nos seus braços até às alturas de uma relação feita de amor. Antes de saber quem sou, sei isto: sou amado. Antes de saber o que sou, sei que isto é verdade. Não um saber nocional, teórico (desejavelmente, há de chegar a sê-lo), mas um saber vital, porque descoberto na vida e confirmado pela vida. Esta outra certeza lança raízes fundas no nosso ser. É esta certeza que me permite confiar, passo decisivo para que a vida se torne vivível. Só confiando se torna a vida possível. Só no amor se torna a vida confiável. Confiar, porque essa luz que me ilumina o mundo está sempre lá. Confiar, porque esse amor que me toca e abraça é sustento certo nas alturas e nas quedas da vida. E sei também que tudo isso me é dado, sem que eu ainda nada tenha feito para o merecer. Não é a paga de algo. Tudo me é dado à partida, graciosamente. Ou se não tudo, pelo menos tudo o que realmente interessa. A vida nasce, pois, com a certeza do amor que faz dela um dom confiável. A ingente tarefa de saber quem sou não acontece fora disto. Pelo contrário, acontece a partir desta certeza que nos define à partida.

Nesta dinâmica da vida a nascer, a fé já se anuncia e insinua. Com a vida, a fé já aí desponta. Entre «a graça e a graciosidade da vida recebida e a experiência dramática e ambivalente da finitude a enfrentar, já se desenham os contornos da fé, a originária disposição humana à confiança e a resistência tenaz contra a dúvida de que a existência não seja uma bênção»⁵. Com efeito, se nascemos numa teia de relações, onde a vida se descobre como dom imerecido e a confiança (em si próprio; no outro; no

5 J. FRAZÃO CORREIA, *A Fé vive de afeto*, 15.

«outro do outro»⁶ que é Deus) se torna o chão firme em que a vida se constrói, então já aí podemos encontrar tudo aquilo que a fé é e pretende ser: o encontro com o dom confiável que é o Deus amor.

Entre o que é a vida e o que é a fé há, pois, uma sintonia fundamental. Sem as querer confundir, diluindo uma na outra, noto como há entre elas uma tal cumplicidade que separá-las ou opô-las simplesmente não responde nem corresponde à vida a acontecer. Explorando, ao invés, esta afinidade, percebe-se como a vida já predispõe para a fé e como a fé ilumina o que a vida é de verdade. E o ponto-de-encontro entre elas é, no Homem, o encontro amoroso com o outro, que torna a vida um dom confiável e a fé uma resposta que acrescenta vida à vida recebida.

2. AMOR: OBJETO DIGNO DE FÉ

Quando lida nesta dinâmica, mais facilmente se percebe que a fé tem por objeto o amor. Acreditamos em quê? Acreditamos no amor. É este o conteúdo primeiro da fé cristã. Isto em nada distrai da centralidade que a Deus reconhecemos no ato crente. Pelo contrário, em Cristo conhecemos que «Deus é amor» (1Jo 4,16). No Evangelho de Jesus, acreditar em Deus toma necessariamente a feição concreta de uma fé no amor. Fé, aliás, cuja autenticidade se afere pelo testemunho confirmado do amor ao próximo: «ninguém pode amar a Deus que não vê se não amar o irmão que vê» (1Jo 4,20). Quando, pois, se procura ler o que é a fé cristã à luz do amor, imediatamente chegamos a esta conclusão: o amor é objeto da fé cristã, porque Deus é amor.

É este dado fundamental do Novo Testamento que permite dizer que não se ensaia aqui uma simples dedução do que é a fé cristã a partir da natureza humana. A identificação da dinâmica crente, inscrita na vida humana, em si não basta. Ao limite, ela própria só se esclarece a partir da revelação, em Cristo, do Deus amor⁷. A fé que brota do dom amável que é a vida só se dá porque a vida sai das mãos do Deus amor e porque a vida só chega a ser ela própria quando vivida no amor de Deus. Teologicamente, não é a estrutura humana a justificar que Deus seja amor. É este amor criador de Deus que oferece a derradeira explicação por que é que a vida é assim, por que é que assim nascemos para este mundo. Por isso, mesmo essa fé que desabrocha com a vida está carente de forma até se encontrar com um objeto à altura da sua grandeza e da sua expectativa. E esta grandeza e expectativa são maiores que a própria vida, porque elas são o eco em nós do Senhor da vida: o Criador. O amor que aqui encontramos é, portanto, como que sacramento de um amor maior, de um amor absoluto, do amor que é Deus.

Deus surge, pois, como realidade digna de fé. É-o não abstratamente, porque concebido como «causa incausada», como «motor imóvel» ou por qualquer outra consideração do género. Não nos bastam as razões da razão. Ele é digno de fé, porque é amor. É-o porque, sendo amor, é aquela entidade em quem o impulso humano a confiar encontra um objeto à altura do investimento total da única vida

6 Cf. J. FRAZÃO CORREIA, *A Fé vive de afeto*, 43.

7 Cf. *Gaudium et Spes*, 22.

que temos e somos. A vida pede um amor que só Deus é e pode ser: um amor incondicionado; um amor ilimitado. Por isso, um amor definitivamente confiável.

Admirável sintonia esta entre quem Deus é e diz ser e o apelo que habita e preenche a vida humana! Por um lado, perante o Deus amor, esse dinamismo humano conhece a sua origem e percebe o seu horizonte. De onde vem e para onde pode caminhar. Por outro, Deus surge no tempo como aquele em quem vale a pena acreditar, como aquele em quem se pode apostar totalmente a nossa confiança no dom da vida, sem contradizer o que somos. Pelo contrário, Deus surge como Aquele em que chegamos a ser o que de verdade somos. Acreditar n'Ele confirma-se como o gesto que autenticamente responde e corresponde ao que somos. Por isso, no amor se reconciliam as pontas soltas da vida e da fé: a identidade de Deus (teologia), o objeto da fé cristã (fé confessada) e a realidade a quem, acreditando, nos podemos confiar (fé vivida).

3. AMOR: O AMBIENTE VITAL DA FÉ

Se é no amor que tanto a vida como a fé nascem, é também no amor que ambas crescem e subsistem. O amor é, assim, o ambiente vital da fé. Com efeito, nem a vida nem a fé nascem acabadas. Bem pelo contrário, elas nascem como desafio. Vir a este mundo tem tanto de dom como de tarefa. A vida é para nós uma enorme promessa, porque «prometidos a nós mesmos não temos para onde fugir. Não se escapa à inevitabilidade da vida recebida. Uma vez nascidos não se pode não viver»⁸. A graciousidade da vida recebida não esconde que «com a graça vem um preço. O que fora recebido, afinal, tem de ser conquistado, num espaço vital que se desenha entre a graciousidade e o custo, herança e invenção, chamamento e resposta»⁹. Viver requer empenho e dá trabalho.

Aqui se manifesta ainda essa admirável sintonia entre a vida e a vida crente. Porque também a fé é uma graça custosa. É uma forma de encarar a vida como «jugo suave e carga leve» (cf. Mt 11,30), mas que nem por isso se descarrega do peso da cruz. Tomar a cruz todos os dias é critério da fé, porque é o critério do discipulado de Jesus (cf. Lc 9,23). Seria uma ilusão negar que essa «voz divina, que interpe-la a decisão humana, tem nos ritmos e lugares em que se vive, a graça e o custo da existência»¹⁰. Uma versão da fé aligeirada deste trabalho, simplificada do esforço da resposta que todo o chamamento sempre requer, seria simplesmente enganadora; não colaria com a realidade. Também a fé, portanto, requer empenho e dá trabalho.

Estes trabalhos da fé pedem um ambiente que a possibilite e potencie. E esse ambiente é, tal como na vida, o amor. O Homem é talvez o ser que vem a este mundo na maior dependência. Por muito tempo incapaz de se mover, de se sustentar e, mais grave ainda, de se alimentar, ele em tudo depende do(s) outro(s) para sobreviver. A experiência do dom total e imerecido da vida não é coisa que cesse

⁸ J. FRAZÃO CORREIA, *A Fé vive de afeto*, 14.

⁹ J. FRAZÃO CORREIA, *A Fé vive de afeto*, 14.

¹⁰ J. FRAZÃO CORREIA, *A Fé vive de afeto*, 15.

com o nascer, mas pelo contrário é algo que se projeta ao longo de todo o viver. Mesmo que tomando formas diferentes conforme as idades, somos e vivemos sempre numa teia de interdependências: dependemos sempre uns dos outros; para o bem e para o mal. Dito de outro modo, sendo nós seres de relação, é na relação que vivemos. E a relação é, por excelência, epifania do amor. A vida aguenta-se e suporta-se no amor.

Assim também é a fé no Deus em que encontramos a origem e o horizonte da vida recebida. A fé também nasce como semente frágil sobre quem, de imediato, pendem todos os trabalhos de acreditar. Ela nasce como um fugaz encontro que é preciso fazer permanecer. Ela nasce como um impulso da sensação que é preciso tornar-se também conhecimento. Ela nasce como uma disponibilidade quase espontânea a seguir que é preciso exercitar. Ela nasce como iluminação que é preciso traduzir em vida. Ora toda esta exigente passagem requer um ambiente propício; tal como o recém-nascido precisa de um ambiente de aconchego e alimento para chegar a ser gente, assim também para a fé esse ambiente se chama amor. É nessa atmosfera que a fé pode encher os seus pulmões e oxigenar-se, nesse duplo movimento, tão próprio do Evangelho, de inspirar e expirar o amor. O amor não é, portanto, apenas o que faz despertar a fé e despertar para a fé. O amor é igualmente o que faz a fé desabrochar, tornar-se adulta, tornar-se opção assumida que (re)configura a própria vida, com tudo o que de trabalho custoso isso implica. O amor é mesmo o ambiente em que a fé acontece.

Este discurso pode parecer a alguns demasiado aéreo para chegar a tocar a fé no seu concreto. Eu, pelo contrário, julgo que ele lança um enorme desafio sobre as formas concretas de que a vida de fé se reveste. Aceitar, por exemplo, que a fé tem no amor o seu habitat parece contradizer certas formas demasiado privatizadas de acreditar. Com efeito, olhar assim a adesão crente implica admitir que essa adesão nunca se pode dar para lá do outro ou apesar do outro. Dito de modo mais claro, que a fé não é apenas um gesto individual, mas que ela traz consigo sempre algo de comunitário, de relacional, de acreditar com outros, na tal teia de interdependências. Aqui se desenha o ambiente eclesial da fé. A minha fé, sem deixar de ser minha, depende sempre da de outros; e vice-versa.

Assim sendo, a lógica amorosa da fé faz-nos também repensar o que é a Igreja, enquanto grande ambiente da fé em Cristo. Dizer que o amor é o ambiente vital da fé pode/deve ter um impacto imediato na nossa conceção (teórica e prática) de Igreja. Sob este ângulo a Igreja encontra no amor fundamento e critério. Fundamento: ela existe para ser este ambiente amoroso em que os tantos encontros com Deus em Cristo encontram sustento e espaço para crescerem em extensão e profundidade. Critério: ser ambiente amoroso da fé torna-se a régua que mede as suas estruturas e empreendimentos. O que nela não serve este fim deve ser revisto, reformado, ao limite abandonado. Até os sacramentos, que a tradição católica tanto sublinha como grandes alimentos da fé, podem aqui assumir contornos precisos. Sob este prisma, eles não são sobretudo expressões rituais de uma instituição de cariz religioso. Eles são sim, antes de mais, lugares e expressões de amor; do amor de Deus, mas também do

amor daqueles que lhe respondem, das comunidades que o seguem. É por isto, sobretudo por isto, que os sacramentos nos alimentam a fé.

4. AMOR: ALAVANCA NO DESPERTAR E INICIAR PARA A FÉ

Lutamos hoje, no ocidente desenvolvido, com uma crescente dificuldade em mostrar a fé em Deus como algo que vale a pena abraçar. E mesmo quando se consegue despertar esse interesse, somos frequentemente confrontados com o difícil desafio de transformar essa disponibilidade inicial numa pertença estável e comprometida. Sentimos, de modo bem vivo, as dificuldades da transmissão da fé. Experimentam-na pais, irmãos, esposos, avós, catequistas, pastores. Perante estes desafios, vamos percebendo que o interesse que procuramos despertar noutros terá de passar pela nossa capacidade de dar significado vital à existência crente. De a tornar fiável e plausível aos olhos daqueles para quem Deus não é uma evidência, nem as rotinas eclesiais são familiares. Com efeito, não serão poucos os que se perguntam: Porquê acreditar? Para quê acreditar? Para que é que isso serve? O que é que isso muda? Enquanto não formos capazes de articular respostas densas a estas questões, o nosso testemunho não terá ainda tocado as inquietações que muitos dos nossos contemporâneos trazem no coração.

O desejo de amar e de ser amado está, com toda a certeza, no cerne destas inquietações. Mesmo numa cultura da abundância, o amor não perdeu a sua força de formar e transformar vidas, de mover e comover pessoas. Esta busca pode, porventura, assumir hoje formas mais confusas do que no passado. Mas ainda assim, apesar de todos os fascínios da vida moderna, o amor continua a ser o grande anseio do coração humano. Poderemos talvez dizer do amor o que Santo Agostinho disse de Deus: o nosso coração não encontra descanso enquanto não repousa no amor¹¹.

Aproximar fé e amor parece, portanto, ir ao encontro seja deste apelo da alma humana, seja das aludidas dificuldades da comunicação da fé. Por um lado, ao fazer ver como fé e amor são duas faces de uma mesma moeda, a adesão crente pode emergir como algo que preenche o coração humano e, assim, como algo pelo qual vale a pena viver. Por outro, a comunidade dos crentes encontra no amor aquela realidade que permite estabelecer uma empatia entre crentes e buscadores de Deus e, sobretudo, aquela linguagem que torna plausível e fiável a proposta do Evangelho vivido em Igreja. Tudo isto sem beliscar a radicalidade da proposta cristã nem lhe aligeirar a exigência, mas, pelo contrário, na mais pura fidelidade ao que a fé de Deus de mais íntimo podemos dizer. Em suma, o interesse que será necessário despertar na transmissão da fé cristã encontra no amor a sua grande alavanca. Quem recusará o amor? Sobretudo um amor assim? Pois quanto mais a fé for servida como uma adesão de amor (mais que uma adesão a ritos e doutrinas), mais a transmissão da fé permanecerá fiel ao Evangelho de Jesus e às inquietações dos nossos contemporâneos: presença real

¹¹ Cf. SANTO AGOSTINHO, *Confissões*, I, 1, 1.

do primeiro e existencialmente relevante para os segundos. O amor, compreendido à luz de Cristo, é, no fundo, a resposta à pergunta porquê e para quê acreditar: porque se é amado pelo Deus amor e para amar como ama o Deus amor.

Se o amor é o ambiente vital da fé, então ele será por certo também o ambiente da iniciação a uma vida vivida segundo a fé. É que, como bem sabemos, ao despertar para a fé deve seguir-se uma prolongada caminhada para dar durabilidade a esse instante de disponibilidade; para dar textura eclesial a um encontro pessoal; para dar inteligência e critério a um arrebatamento afetivo. Introduzir alguém na relação com Cristo permanece hoje, como o era nos tempos da Palestina, uma longa peregrinação, que tanto conduz a jardins aprazíveis como a desertos que testam a resistência e purificam a adesão. O processo de transmissão da fé incorpora, pois, este segundo movimento de iniciação à vida segundo a fé. Só então essa transmissão se cumpre. E para que ela de facto se cumpra, o amor joga um papel decisivo. Porque este acompanhamento que inicia gente na fé faz-se de paciência para com o ritmo de cada um; faz-se de escuta à voz de cada um; faz-se de dedicação atenta à vida de cada um; faz-se de acolhimento incondicional a quem chega; faz-se de oração silenciosa e desinteressada; faz-se de alegria com os seus avanços, mas também de misericórdia para com os seus recuos. Tudo isto, que só o amor torna possível, precisa de encontrar um lugar eclesial. Estas não podem ser apenas atitudes dos cristãos individualmente considerados, mas devem conotar o modo de ser das comunidades cristãs. A tarefa da iniciação cristã é, por excelência, uma missão eclesial. Por isso, o amor que torna possível tal iniciação precisa de se tornar um traço que estrutura a vida das comunidades cristãs. Importa que estas o traduzam em vida e coloquem as suas estruturas ao seu serviço. Então, o amor não será somente a alavanca que desperta para a fé, mas será também o ponto fixo eclesial que torna possível a iniciação à vida da fé em Igreja.

Afirma o Papa Francisco: «A fé transforma a pessoa inteira, precisamente na medida em que ela se abre ao amor; é neste entrelaçamento da fé com o amor que se compreende a forma de conhecimento própria da fé, a sua força de convicção, a sua capacidade de iluminar os nossos passos. A fé conhece na medida em que está ligada ao amor, já que o próprio amor traz uma luz. A compreensão da fé é aquela que nasce quando recebemos o grande amor de Deus, que nos transforma interiormente e nos dá olhos novos para ver a realidade»¹².

Em tempos tão desafiantes, importa mesmo entrelaçar fé e amor. Neste fecundo casamento, os crentes hão de redescobrir o que é acreditar, hão de reaprender a traduzi-lo em vida. Os que não creem, por seu lado, hão de encontrar na fé cristã algo que os pode tocar. hão de poder ver nela algo à altura do apelo profundo que os habita. Juntos hão de reconhecer que *acreditamos sempre no amor*. O amor será sempre o seu ponto de encontro, porque é no amor que todos «vivemos, nos movemos e existi-

¹² *Lumen Fidei*, 26.

mos» (cf. Act 17,28): mistério maior da vida, que em Cristo encontra a definitiva razão de ser: porque «Deus é amor».

BIBLIOGRAFIA

Papa Francisco, Lumen Fidei – A Luz da Fé. Carta Encíclica, Paulinas, Prior Velho 2013.

Balthasar, H. U. von, Só o amor é digno de fé, Assírio e Alvim, Lisboa 2008.

Duque, J., Homo Credens. Para uma Teologia da Fé, Universidade Católica Editora, Lisboa 2002.

Frazão Correia, J. A Fé vive de afeto. Variações sobre um tema vital, Paulinas, Prior Velho 2013.

Sequeri, P. A ideia da Fé. Tratado de teologia fundamental, Frente e Verso, Braga 2013.